

Considerações sobre o *Crátilo* de Platão: “que relação existe entre a linguagem e a restante realidade?”

Considerations on Plato's *Cratylus*: "What is the relationship between language and the rest of reality?"

JANILCE PRASERES¹

A partir do diálogo entre Sócrates, Hermógenes e Crátilo, na obra *Crátilo* de Platão, pretende-se estabelecer uma breve reflexão acerca da ontologia própria da linguagem com intuito de pensar a relação existente entre a linguagem e a realidade, na busca pela referência primordial própria da linguagem em relação à realidade, ou seja, em busca do que é verdadeiramente substantivo na linguagem. Se a linguagem se configura como o ato substantivo da relação entre a busca do sentido e este mesmo sentido enquanto ato, como é que tal relação se verifica? Como se dá esta relação? A linguagem não seria esta própria relação?

No referido diálogo, no qual a figura de Sócrates se impõe, por vezes em tom jocoso ou irónico, mas sem deixar de ser cortês, e por vezes admirado pela descoberta que faz na investigação das palavras, estabelece de tal forma a sua reação perante as teses apresentadas e estabelece uma dialética rigorosa para passá-las pelo crivo do exame dialético. No diálogo, temos, assim, Platão a nos apresentar a refutação das hipóteses que vigoravam na época sobre a função e a formação das palavras ou dos nomes, embora o diálogo vá muito além da “adequação superficial, físico-fonética dos nomes as coisas: é toda uma tentativa

¹ Realiza, atualmente, o Pós-Doutoramento em Filosofia na Universidade da Beira Interior - UBI Covilhã - Portugal. Doutora em Filosofia também pela UBI (tese de doutorado aprovada com Distinção), título reconhecido pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM (2015), este mestrado foi reconhecido em Portugal pela UBI sob o registro 220230046936. Licenciada em Filosofia pela Universidade Católica Portuguesa. Investigadora do PRAXIS - Centro de Filosofia, Política e Cultura da Faculdade de Artes e Letras da Universidade da Beira Interior (UBI), sendo também uma das organizadora do Grupo de Leitura e Discussão em Michel Henry, vinculado ao PRAXIS. Membro do Conselho de Consultores de Cadernos do Círculo fenomenológico da vida e da clínica - Universidade de São Paulo - USP. Membro da linha de investigação sobre Pensamento Lusófono no Centro de Estudos Globais - CEG da Universidade Aberta, participando do projeto História Global da Filosofia Portuguesa. E-mail: janilcesilva310@gmail.com

Considerações sobre o Crátilo de Platão: “que relação existe entre a linguagem e a restante realidade?”

de encontrar um fundamento lógico-ontológico para a linguagem dos homens”². O que está posto em causa é a constituição do ato mesmo próprio de cada coisa em seu contínuo ontológico próprio, ou seja, trata-se de averiguar como “a ontologia do sentido é a ontologia das “coisas em nós”, isto é, do acto de inteligência das coisas, em que as coisas se manifestam não no que são independentemente da relação connosco (...), mas precisamente como relação connosco”³.

A conclusão a que chega Crátilo de que não é possível conhecer as coisas pelas palavras, mas somente pelas coisas mesmas, seria o mesmo que dizer que para Platão a linguagem ficaria reduzida a um mero instrumento para a expressão dos pensamentos? Não sendo constitutiva da experiência humana do real? No liminar, Platão rejeita qualquer forma de idealismo, aludida no e pelo convencionalismo, isto é, no uso dos nomes, em que usamos certas palavras e certos nomes, ou na atribuição dos nomes que tem origem no ato individual de atribuir nome a uma tal coisa. Prescindindo, assim, de uma real adequação do afirmar, do dizer da coisa ao que a coisa é, recaindo de tal forma sobre a linguagem todo o peso ontológico.

2

Somos lançados para a questão de como surge o sentido? Como é que as coisas surgem na forma do sentido? Visto não ser possível que surjam de uma outra forma qualquer. Conforme Sócrates, a linguagem tem a função de ensinar, de comunicar algo acerca do mundo, numa função diacrítica de distinção dos seres, nomear é diferenciar, por isso deve haver critérios objetivos para o uso dos nomes (388cd). Por exemplo, os nomes devem referir-se a coisas que realmente existem, e a características, nessas coisas, que realmente sejam tais como descritas. Assim, nomear não é simplesmente atribuir uma palavra a um objeto, mas descrever de forma correta a essência de uma coisa. Neste sentido, a função da linguagem é “comunicar” a verdade, é apresentar.

² PEREIRA, Américo. Da filosofia da linguagem no Crátilo de Platão. Covilhã: LusoSofia Press, 2008, p. 1. Disponível em: http://www.lusosofia.net/textos/americo_pereira_cratilo_linguagem.pdf.

³ Idem, p. 5.

“Assim, todas as formas de possível relação com o acto das coisas têm de ser nomeadas e têm de o ser de acordo com o acto que lhes é próprio, isto é, segundo o ser que lhes compete. Este ser dá-se-nos na forma do “nome”, isto é, na forma da linguagem. E não há outra forma possível. É, pois, um trabalho ontológico fundamental este o que Platão aqui realiza e este diálogo está bem longe de ser um diálogo menor.”⁴

No *Crátilo*, diálogo sobre a justeza dos nomes, o desenvolvimento do diálogo acerca do tema da significação dos nomes ser natural ou convencional, em que o problema é elaborado a partir da contraposição do convencionalismo de Hermógenes em relação ao naturalismo de Crátilo (384d/385d). A interferência de Sócrates dá a indicação da inadequação destas conceções à própria suposição de que seja possível o discurso cotidiano e a enunciação da falsidade, estas considerações situam, contudo, para além da simples consideração sobre a significação dos nomes, trata-se da compreensão da relação entre logos e ser, que parte da investigação do nome e de fundar a ontologia e a teoria do conhecimento de Platão.

“A ontologia que é tarefa literal da linguagem, sem a qual um qualquer suposto *ontos*, ainda sem *logos*, não se pode absolutamente manifestar, dado que a sua manifestação é sempre e necessariamente segundo um qualquer *logos* próprio e este é imediatamente linguagem ou não pode ser coisa alguma humanamente possível, porque humanamente referenciável”⁵.

Seria extremamente erróneo reduzir a reflexão platónica somente a fundar a essência da relação entre as coisas e os nomes, estes em sentido de substantivos gramaticais e não como tudo aquilo que é substantivo na linguagem. Também não é possível reduzir a ontologia ao discurso acerca do que simplesmente é, visto não poder ser sem uma teoria da adequação do dizer, já que é para além do dizer, ou seja, que haja uma realidade que transcenda de facto a voz, a voz por sua vez só é substancial apenas como voz. Reduzir tudo a uma mera voz substancial somente como voz trata-se da forma mais radical de nominalismo, em que o nome não tem substância própria enquanto tal. Dito isto, há a necessidade de uma realidade

⁴ *Idem*, p. 4.

⁵ *Idem*, p. 2.

Considerações sobre o Crátilo de Platão: “que relação existe entre a linguagem e a restante realidade?”

substantiva para a constituição da linguagem enquanto ato, que possibilita uma voz dizer.

Referências

PLATÃO. *Crátilo*. Versão do grego, prefácio e notas Pe. Dias Palmeira. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1994.

PEREIRA, Américo. *Da filosofia da linguagem no Crátilo de Platão*. Covilhã: LusoSofia Press, 2008. Disponível em:
http://www.lusosofia.net/textos/americo_pereira_cratilo_linguagem.pdf.

Submissão: 14. 10. 2023

/

Aceite: 30. 11. 2023